

REVOLUÇÃO PELO RÁDIO

HORARIO de rádio em fazenda é ridículo, toma-se o hábito. Uns gostam de escutar a Voz do Brasil, os comunicados da BBC, a Voz da América. Aqui em casa o costumeiro é pela manhã. Seis e quinze a rádio Assunção, que dá o noticiário geral e os mexericos da politica. Sete horas Grande Jornal Tupi. Assim fica-se a par de tudo e com o resto do dia livre. De noite é tanta estação em onda curta, tanta interferência, que só quando é assunto vital se tenta escutar. Depois, de noite é hora de ler.

Quarta-feira, primeiro de abril, pela manhã, todo o mundo na maior inocência. Ou tédio? Esperavam-se os comentários sobre o discurso do homem, feito no Automóvel Clube — mas de que servem os comentários enquanto eles agem? E afligir o afilto. Mas eis que no tranqüillo microfone da Assunção, uma voz excitada lê um manifesto. Subversivo? Subverso! O nosso velho coração de golpista histórica se expande como flor ao sol. É o Governador Magalhães Pinto. É o General Mourão Filho, comandante da tropa de Juiz de Fora! Ah, estrêla brilhante do Sul, formosa província de Minas, que de nóvo brilhas no céu da nossa Pátria! Mas lidos os manifestos, as notícias embora retumbantes, são lacônicas. Nada mais se sabe, o locutor pede que não se desligue, assim que houver novas notícias serão dadas. Corre-se o diál, em procura do Rio. E o Rio está pior que todo o mundo, o Rio mostra-se leviano e indiferente. Toca sambas. "Alvorada Musical". Será possível? Será boa-to? Nenhuma das estações de confiança parece ligar a mínima aos acontecimentos. Fica-se naquela grande perplexidade, a principio não se cuida da explicação óbvia. Mas eis que o locutor da Tupi (que emite um programa de músicas pedidas ao telefone) acha jeito de nos mandar uma mensagem. O ouvinte, ao telefone, lhe pergunta como vai o tempo. E o leitor diz: "Tempo? Aqui tem sol — mas sol quadrado..." Para quem entende gíria, carioca estava tudo dito. "Sol quadrado" é cadeia — Censura! E aí começa a caçada, a desesperada corrida no diál atrás das notícias. Min's não se apanha de modo nenhum. E S. Paulo manda uma voz obscurecida por mil mar-ejos de interferências, chiados, assobios, uivos. De

repente a interferência cede e se escutam os conhecidos acentos paternais do Sr. Adhemar de Barros. Diretamente dos Campos Elísios. Mas a interferência ataca, junto com um dobrado militar.

Ouve-se o nome do General Amaury Kruel. Será contra ou a favor? Tenta-se novamente o Rio e cai-se por acaso na Rádio Nacional, onde um espíquer exalta, do injúria o "traidor Kruel". Ora viva, foi a favor! Pernambuco diz que está tudo calmo. A gente se lembra do Chacrinha: "Tudo na mais perfeita desordem!" Baiões. Sambas. Hully-gully. O som de um dobrado é um imã para o caçador de notícias. Mas fica no dobrado. A nossa Rêde da Democracia não parece bem organizada. Enquanto os de lá dão proclamações, discursos, notícias, falsas ou verdadeiras, os nossos tocam dobrados. Canção do Soldado, Cisne Branco, Avante Brasileiros. Chega dá nervoso. Nós não precisamos de estimulantes patrióticos, companheiros, precisamos é saber do que se passa! Estamos a quinhentas léguas do Rio de Janeiro, quinhentas e setenta de S. Paulo; cercados de água por todos os lados — rios, riachos e lagoas transbordantes. E com os trens parados piorou tudo. O rádio é a única ligação com o mundo exterior, e vocês ficam nos dobrados!

Mas eis que uma voz começa a ler a proclamação do Segundo Exército. A interferência acode logo, feroz e histérica. E a gente recorda as interferências nazistas nas comunicações do rádio europeu, durante a Guerra. Era a mesma agonia.

Quilômetros de croché faz a senhora ao pé do rádio. O croché age como amornizador da tensão — mas lá, volta a comparação clássica com as megeras que faziam meia durante as sessões da Convenção, ou ao pé da guilhotina... Pois vivam as megeras, croché ajuda muito.

Nem comer em paz se pode. Traz-se o prato para o pé do rádio. Como dizia o nosso saudoso Evandro Pequeno: assim que a gente se descuida, alguém pode fazer uma sujeira...

Duas horas da tarde, entre clarinas e palavras truncadas, assobios e estática. É São Paulo. Reproduzem uma gravação com o dramático apêlo do Governador Lacerda ao se ver atacado pelos fuzileiros do Almirante Aragão. Meu Deus,

meu Deus, que fuzileiro é esse que impudente na rua tripudia? Antes ver-te morto na batalha... Desculpe, Castro Alves. O final do discurso de Lacerda é engolido pela interferência. Depois ha um nóvo instante claro e a voz do locutor paulista exclama: "Talvez a estas horas o Governador Lacerda já esteja prêso ou assassinado pelos asseclas de Aragão!" Fica no ar aquela angustia. Correm-se as falxas todas. Continua infrene a tal cadeia da lealdade. Blasonam. Pelegos pernósticos dizem besteiras com voz heróica. Berram sua solidariedade in-con-di-ci-o-nal ao "imortal" Presidente Goulart. E a gente conhece quando é gaúcho que fala, por-estações prosseguem com músicas levianas e continua sem resposta a pergunta suscitada pelo locutor paulista. Na Rêde de Democracia, os dobrados. Na "Legaldade", os dobrados.

Nunca mais suportarei um dobrado em minha vida. Mas de repente se interrompe a música e voltam a irradiar dos Campos Elísios. Vitória! Vitória! Mas que vitória? Vitória como? Ninguém entende. Sucedem-se os discursos, e nunca nos parou tão desesperadamente empolada a oratória nacional. Como falam — e não dizem nada, só rosários de clichês. Que vitória, pode ser essa se o Rio ainda está mudo?

Lembrete para a próxima revolução: proponho que as estações de rádio se dividam em dois grupos: o dos discursos e o das notícias. Nada mais desesperante para o ouvinte longinquo, louco por saber do que se passa, do que escutar um chato, mesmo que seja um chato correligionário, a discorrer sobre as excelências de Democracia, quando a gente quer saber é qual foi o general que aderiu e qual o político que se entregou.

Mas como por milagre, naquela confusão sem sentido de discursreira e bombos, pega-se o Rio; e se escuta a voz clara de Sandra Cavalcante, a soar no alto-falante como um sino de prata: Jango fugiu pra Brasília, o Guanabara está salvo! O General Castello Branco mandou os tanques na hora.

Agora deixa haver discurso. Louvado seja Deus.

9-5-69